



Caminhos e encontros nos levam à Opará: expedições no Velho Chico - diários de viagem.

Paths and encounters take us to Opará: expeditions in the Velho Chico - trip diary

OLIVEIRA¹; Ticiano Rodrigo Almeida, VIEIRA², Thiago Roberto Soares.

^{1,2}Universidade Federal de Sergipe - Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA.
ticiano.rodrigo@gmail.com; tsoaresvieira82@gmail.com

Eixo temático: Desertificação, água e resiliência socioecológica às mudanças climáticas e outros

Resumo: A pesca artesanal é caracterizada pelo vasto conhecimento tradicional acumulado, com tradições que variam de acordo com a sua localidade, mas que se relacionam em um aspecto comum, o ciclo das águas. Comunidades tradicionais pesqueiras fundamentam suas atividades no vasto conhecimento empírico, adquirido e acumulado através de várias gerações. Nesse sentido, a percepção e a vivência são parte deste “saber fazer tradicional” que consolida as Comunidades enquanto pescadoras artesanais. Este conhecimento adquirido e sua importância e transmissão oral tem recebido atenção especial nos programas de manejo pesqueiro que buscam por meio da gestão participativa, validar as práticas tradicionais. Nesse sentido, este manuscrito traz a experiência de duas expedições realizadas no Baixo São Francisco em Sergipe e Alagoas com o objetivo de conhecer os impactos das baixas vazões para as comunidades ribeirinhas.

Palavras-chave: Baixo São Francisco, comunidades ribeirinhas, expedições.

Keywords: Low São Francisco river, Riverside communities, expeditions.

Contexto

É difícil falar da composição do planeta Terra, sem falar sobre a água, assim como, para os seres humanos, é difícil falar sobre vida e sobrevivência sem citar o mesmo elemento. O Nordeste Brasileiro, por sua vez, sabe bem a importância dessa riqueza natural. Desse modo, os rios são, especialmente para essa região do país, dádivas que alimentam a força e a esperança do nordestino. O rio São Francisco é um dos representantes dessas dádivas, e sua história e características comprovam a importância que ele possui.

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, metaforizou muito bem o entrelace existente entre as pessoas e o rio São Francisco. O autor afirma que “o rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (ROSA, 1976). Sua poesia ilustra a analogia cabível entre vida e rio, ao ponto de se confundir com o povo (MENESES, 2002). Desse modo, ao tratar de cultura, história, economia, política, entre outros temas da sociedade ribeirinha do “Velho Chico”, dificilmente será possível desconsiderar esse fenômeno natural e mítico. O objetivo deste trabalho é fazer um relato sobre duas expedições realizadas pelos autores ao Baixo São Francisco. A primeira delas foi realizada como uma das atividades do Projeto “Dois Cânions, um só coração: rios Poti e São Francisco – conjuntura,



impactos e perspectivas”, idealizado por ambientalistas e pesquisadores das bacias dos rios Poti e São Francisco, em dezembro de 2017. A segunda foi realizada em outubro de 2018, por pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas, constando de uma equipe multidisciplinar e teve como objetivo adquirir dados sociais e ambientais da região, através do projeto “Expedição Científica do Baixo São Francisco”. O objetivo geral das expedições foi sensibilizar o público em geral da importância da riqueza e preservação dos dois grandes cânions do Bioma Caatinga: dos rios Poti e São Francisco. Foram discutidos a conjuntura, impactos e perspectivas quanto ao futuro. O Projeto da primeira Expedição consistiu em duas etapas: Realização de palestras e exposição fotográfica e gastronômica da região dos dois cânions; Visita em campo aos dois rios (expedição).

Descrição da Experiência

A primeira Expedição foi realizada nos dias 20, 21 e 22 de dezembro de 2017 e teve como integrantes Thiago Roberto Soares Vieira, Engenheiro Florestal e pesquisador sobre o Rio São Francisco, Idenilson de Albuquerque, sertanejo, escritor, historiador e filho de Porto da Folha/SE e o barqueiro, sertanejo e pescador José de Beli do povoado Genipatuba de Gararu/SE. Foram percorridos de barco de Canindé de São Francisco até a foz do Velho Chico 250 quilômetros, com o objetivo de conhecer os impactos que o Rio vem sofrendo com as baixas vazões liberadas pela hidrelétrica de Xingó. A segunda Expedição ocorreu entre os dias 15 e 19 de outubro de 2018, com uma tripulação de 20 pesquisadores, incluindo Engenheiros de Pesca, Agrônomos e Biólogos, além de dois Pescadores Artesanais. A embarcação Magnífica, com cerca de 30 metros de comprimento, abrigou a equipe durante os cinco dias, com dormitórios e espaço onde foi montado um pequeno laboratório para análise inicial das amostras coletadas.

Ambas tiveram o objetivo de realizar uma descrição das condições socioambientais da região do Baixo São Francisco. Esta, atingida por diversas ações antrópicas, sendo as mais contundentes a grande descarga de esgotos diretamente na calha do rio e o histórico de baixa vazão das suas águas, devido a série de represamentos ao longo de toda a bacia do rio. A seguir, trataremos dos relatos de atuação em campo a partir de comparativos entre uma experiência e outra, destacando pontos em comum, considerando os relatos de conflitos, descrição de fatos e ocorrências que se destacaram.

Resultados

Durante a primeira expedição, no 1º dia houve alguns contratemplos: o barqueiro com quem inicialmente marcamos da cidade de Canindé de São Francisco desistiu na véspera e tivemos que encontrar outro. Acabamos acertando com o Senhor José de Beli (nome popular pelo qual é conhecido na comunidade), do povoado Genipatuba, município de Gararu-SE. Dessa forma, alteramos nosso local de partida. No primeiro dia da expedição, dia 20, saímos deste povoado rio acima, até



Canindé de São Francisco-SE e retornamos já no início da noite no mesmo ponto que partimos. Foram 13 horas de navegação (das 06h00hs da manhã até às 19:00hs). Dormimos na casa do nosso barqueiro, bem na beira do rio. Realizamos várias paradas para conversar com os ribeirinhos que encontrávamos, visitamos e fotografamos locais interessantes como igrejas e casarões antigos (antiga Fazenda Araticum em Porto da Folha-SE, hoje assentamento de reforma agrária. Ainda hoje de pé estão o antigo casarão da fazenda e uma antiga capela) e comunidades tradicionais, como a aldeia indígena Xokó, na denominada Ilha de São Pedro em Porto da Folha-SE. Nesse trecho, muitos pescadores reclamavam da dificuldade em navegar pelas águas do rio devido aos grandes bancos de areia – inclusive nosso barco quebrou a hélice no trecho entre Pão de Açúcar-AL e Poço Redondo-SE, quando subíamos o rio para Canindé de São Francisco, pois este trecho estava raso que a hélice bateu no banco de areia, danificando-se. Após uma noite tranquila de sono na casa do Sr. José, nosso barqueiro. Seguimos. Na saída, o barco teve mais uma peça danificada devido às más condições de navegação com as baixas vazões do rio: dessa vez foi o leme. Paramos na cidade de Gararu-SE, onde um mecânico consertou. Aí sim, barco em condições, seguimos viagem. Passamos pelo município de Traipu-AL, uma bela cidade ribeirinha, que apresenta também, bancos de areia. Realidade que infelizmente, acompanha vários trechos do rio. A cidade de Amparo do São Francisco-SE também nos chama atenção – na beira do rio, pequenina, mas graciosa. Seguindo o rio, chegamos em Propriá-SE, cidade que no século XIX e início do Século XX foi um grande pólo comercial e de produção agrícola na região – hoje já não possui mais o destaque econômico dos tempos de outrora. Conversando com moradores da cidade, os relatos que escutamos é que o pescado diminuiu muito: o único peixe nativo que ainda se pesca é o piau-preto. O surubim, peixe famoso na região por ser bastante saboroso, raramente é encontrado no rio, segundo os moradores. No momento em que conversávamos, registramos queima de lixo na beira do rio, aliás, muito lixo vimos na cidade de Propriá-SE na beira do rio. Também encontramos muitos pontos de erosão nas duas margens – sergipana e alagoana. Estes pontos são visualizados praticamente em todo o percurso! Seguimos adiante e atracamos no povoado Saúde, no município de Santana do São Francisco-SE, uma das maiores colônias de pescadores do rio. Dormimos em redes num pequeno quiosque na beira do rio. Partimos rumo ao 3º e último dia da Expedição. Passamos em frente às cidades de Penedo-AL e Neópolis-SE. Penedo é uma antiga cidade ribeirinha alagoana onde D. Pedro II já visitou. Tem igrejas e monumentos históricos riquíssimos. Seguimos e paramos na cidade de Ilha das Flores/SE. Nos deparamos com uma orla muito bonita. Nesse terceiro dia, vimos muitas plantas aquáticas que enroscavam na hélice do barco, além disso, essas plantas são muito comuns do sertão ao litoral. No sertão os ribeirinhos a chamam de “rabo de raposa”, nas proximidades da foz do rio, a chamam de “cabelo”. Essas plantas se proliferaram no rio. Os ribeirinhos mais antigos com quem conversamos, narrarão que essas plantas, há 50, 60 anos atrás não eram tão comuns como hoje. Alguns pesquisadores afirmam que a proliferação dessas plantas tem relação com a construção das hidrelétricas: os sedimentos que o rio carregava naturalmente antigamente, hoje são depositados no fundo das barragens, fazendo com que a



água à jusante fique mais clara, aumentando a incidência de luz solar dentro do rio, aumentando a proliferação dessas plantas.

Seguindo viagem chegamos a Brejo Grande/SE. Descemos e conversamos com pescadores no local. Ouvimos relatos impressionantes: a água do rio São Francisco está salobra em toda a região da foz (últimos 20 Km do rio). Nesse trecho, as cidades ribeirinhas estão sem água nas casas! Em Piaçabuçu-AL encontramos uma feira de pescados bastante movimentada. Colhendo informações com moradores locais de como chegar até o famoso farol da foz, seguimos até o povoado Resina, na margem sergipana. Nosso barqueiro estava um pouco aflito devido às histórias e lendas de embarcações que naufragaram perto da Ilha “Criminosa”, situada bem no meio do rio próximo do povoado Resina. Mesmo assim, chegamos no povoado. O povoado Resina faz parte de uma Terra Quilombola que há muitos anos sofre com conflitos de terras. Os ribeirinhos que nos receberam nos relataram dificuldades que vem passando com as alterações bruscas na paisagem e no cenário da região da foz. Quanto ao pescado, por exemplo: essa comunidade sempre pescou peixes de água doce, mas nos últimos anos com a água salobra, só tem peixes de água salgada (inclusive há relatos de pescadores que encontraram tubarão em suas redes). Outra questão é a força da maré: ela traz vários galhos e restos de vegetação de manguezal e que rasgam a rede dos pescadores causando prejuízos. Depois da conversa com os pescadores de Resina, criamos coragem para encarar o mar e chegar até o farol (hoje está dentro do mar, mas na época de sua construção ficava em terra a uns 800 metros do mar. Hoje encontramos o farol 1 Km mar adentro!). Em Resina tivemos que trocar de barco, pois o barco do Sr. José não é propício para encarar as ondas do mar. Fomos num barco de uma liderança do povoado, o Enéas. Nesse trajeto até o farol, além do Enéas, fomos eu e o Idenilson – encontrava-se um pouco apreensivo, pois não sabia nadar e as ondas batiam com força considerável na pequena embarcação. Finalmente chegamos no farol. Solitário, enferrujado, torto, mas ainda de pé, apesar de toda dificuldade! Três dias para percorrermos os últimos 250 Km do Velho Chico. O majestoso rio São Francisco (ou rio Opará, nome indígena que quer dizer encontro do rio com o mar) já não mais tão caudaloso, enfraquecido e esquecido pela sociedade. Discute-se muito as potencialidades (o turismo, a irrigação, pesca, dentre outras), mas pouco o cenário real e atual do rio! É assustador toda essa mudança no Baixo curso. Imaginamos... com a intensificação das mudanças climáticas, qual cenário iremos encontrar? Para o mal não há limites! Será? A segunda expedição ocorreu visitando-se os municípios e suas respectivas representatividades de pescadores em Porto Real do Colégio, Igreja Nova e Piaçabuçu, em Alagoas. Porto Real do Colégio, com uma população estimada em 20.000 habitantes, o município possui como principal fonte de renda a agricultura. Dados apresentados pelos representantes dos pescadores do município informam que a Colônia de Pescadores Z 35 possuía, em 2017, 2100 associados. Devido a conflitos e disputas na Colônia, foi formada a Associação de Pescadores de Porto Real do Colégio, fundada em 1995, que conta hoje com cerca de 500 associados. O cenário encontrado: atividade pesqueira direcionada à captura do siri, sendo esta a maior safra dos últimos anos; queda dos estoques, e conseqüentemente, das capturas, de xira; último registro de captura de



pilombeta ocorrido em 2012. Foram encontrados registros de pesca predatória: pesca de bomba, pesca com arroz embebido em formol. Forte atuação da associação em relação à garantia do seguro-defeso para seus associados, sendo esta a principal função da associação. O município de Igreja Nova possui uma agricultura diversificada. Sendo o polo do Distrito de Irrigação de Boacica, fundado em 1984, pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) que ocupa 2.762 ha, o distrito é grande produtor de arroz (38%), porém o principal produto agrícola do distrito é a banana (59%) e tendo a cana de açúcar com 3% da produção (CODEVASF, 2019). Os principais aspectos levantados em campo foram: relatos de captura do siri, como grande safra dos últimos três anos; não são encontradas mais as espécies Mandim, Caboge, Cascudo, Pilombeta e Xira; destaque à captura de xaréu, peixe predominantemente marinho/estuarino. Quanto ao cenário socioambiental, houve relatos pelos pescadores de assoreamento na foz do riacho Boacica, grande ponto pesqueiro da região. Também foram encontradas embalagens de agrotóxicos nas margens deste rio. Destaca-se a forte atuação da Colônia na garantia do seguro-defeso. Com 1100 sócios ativos, 300 pescadores não receberam o seguro em 2018, por conta de dificuldades de acesso ao sistema Prev Web, do INSS. O município de Piaçabuçu é considerado o principal polo pesqueiro da região, devido a grandes índices de captura de camarão, tendo registros de mais de 242 toneladas deste recurso capturadas em 2018. O município possui 17.203 habitantes, e apresenta renda *per capita* de R\$ 339,15, sendo este o índice mais alto da região. Os principais aspectos levantados em campo foram: quedas nas capturas de pilombeta; uso do arpão por associados da colônia (devido à escassez de peixes, a pesca com arpão, apesar de proibida, é uma alternativa mais rentável, por capturar exemplares maiores); queda nos estoques de robalo, xira, piau; aumento nas capturas de curimã e camurim; aumento nas capturas de siri. Quanto ao aspecto socioambiental foi constatada a necessidade de uma maior fiscalização para as modalidades de pesca. Também foram encontradas captura de espécies ameaçadas, a exemplo de relatos de captura de mero e pesca de arrasto para a lagosta. Percebeu-se a necessidade de implantação de cooperativa ou reorganização da colônia para venda do pescado a um preço estável e competitivo.

Referências bibliográficas

CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba. Áreas de Irrigação. Disponível em: <https://www.codevasf.gov.br/principal/perimetros-irrigados/elenco-de-rojetos/boacica>, acessado em 04/02/2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1976.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



MENESES, Adélia Bezerra de. Matéria vertente: “Grande Sertão Veredas” de Guimarães Rosa e o Rio São Francisco. **Remate de Males**, Campinas (SP), v. 22, n. 2, 2002.